

Terminologia Geográfica

(Continuação)

CANOA-DE-EMBONO — Grande canoa, feita de muitos paus e com cavernas, na qual servem de fôrma as duas bandas de uma canoa, serradas pela quilha, e armada com duas velas triangulares. Tem no costado de um e outro lado paus de jangada, ou de outra madeira leve, para agüentá-la melhor no mar, e são êsses os embonos, de que tiram elas o nome. (Cp. A. CÂMARA, 196). (R. G.).

CAPANGA — Guarda-costas, assalariado para satisfações e vinganças, provocações e desordens eleitorais, claque de *meeting* e emprêsas de semelhante jaez. (F. A. P. C.).

CAPANGUEIRO — Nas Lavras Diamantinas da Bahia, assim se chamam aos compradores de diamantes, em pequenos lotes, aos mineiros que os extraem. (B. de S.).

CAPÃO — Porção de mato isolado no meio do campo. (R. G.).

CAPITÃO DO CANTO — Denominação baiana, que remonta aos primeiros tempos da Província, dada ao chefe dos carregadores africanos ou crioulos que se reuniam em determinados pontos da cidade, principalmente no bairro comercial, os quais por seu turno, se designavam cantos de pretos. (B. de S.).

CAPITÃO DE ESTRADA — Segundo MANUEL QUERINO, em sua *Bahia de Outrora* ao indivíduo encarregado de escravizar o caboclo se dava o nome de capitão de estrada. (B. de S.).

CAPITÃO DO MATO — Assim se chamavam desde os tempos coloniais aos chefes de tropilhas que andavam a caçar e a pegar nos matos ou nos mocambos os negros fugidos das senzalas, ou das fazendas. (B. de S.).

CAPONGA — Nome que, no Estado do Ceará, significa lagoeiros de água doce, que se formam naturalmente nos areais litorâneos. BEAUREPAIRE-ROHAN que o regista, diz que esta mesma formação toma o nome de lago, ao norte da cidade de Fortaleza. É o mesmo que, de Pernambuco ao Rio Grande do Norte, se denomina maceió ou maçaió. Em São Paulo, segundo lemos em JOÃO VAMPRÉ ("Domínio Floral de São Paulo" no *Jornal do Comércio* de 25-11-1934), capongas se designam as esteiras de areia úmidas que se alagam com as chuvas ocupadas em geral por vegetação herbácea, higrófila e baixa. Assim também A. J. DE SAMPAIO e GONZAGA DE CAMPOS. (B. de S.).

CAPUABA — Também capuava, registado por BEAUREPAIRE-ROHAN, TESCHAUER e AMADEU AMARAL. Tem um duplo sentido; ora se emprega como sinônimo de choça, cabana, casa de gente pobre, casa mal construída e arruinada (Paraíba e Rio Grande do Norte); ora, no sentido de parte de um sítio ou fazenda, onde se fazem anualmente plantações de cereais. (B. de S.).

CAPUEIRA — Mato que foi cortado, ou destruído; mato virgem que já não é, que foi botado abaixo e em seu lugar nasceu mato fino, miúdo, raso. Etim.: t. guar. *caa* mato + *puêra*, suf. do pretérito nominal: que foi e já não é. (R. G.).

CAPUEIRÃO — Capueira bastante grossa.

Nota — em Pernambuco, quando êsse acidente florístico ostenta o porte de verdadeira mata, diferindo apenas pela natureza das essências, dá-se o nome de capueirão de machado. (R. G.).

CARETA — Segundo GASTÃO CRULS é o nome dado a certos fragmentos de cerâmica indígena, encontrados à margem esquerda do Amazonas, principalmente na região do Trombetas. A pág. 45 do seu *A Amazônia que eu vi*, lemos: "É esta a denominação curiosa que aí dão aos restos de cerâmica indígena, mas que na sua simplicidade traduz bem a principal característica de tais trabalhos, isto é, a sua riqueza na simbolização esculturada". (B. de S.).

CARIJÓ — Termo usado na região meridional do Brasil para designar um rancho onde se prepara a erva-mate (sistema antigo): segundo informa TESCHAUER, é um galpão de trinta e seis a cinquenta metros quadrados, mais ou menos sôbre grossas forquilhas, com a competente cumieira. (B. de S.).

CARIRI — Nome de uma das zonas centrais da Paraíba, às vêzes denominada ribeira do Cariri, centro da indústria pastoril desde o último quartel do

século XVII. Segundo TEODORO SAMPAIO, cariri é corruptela de kiriri — taciturno, calado, nome de uma tribo que se refugiou na região referida. O cariri é uma região semi-árida. (B. de S.).

CARITÓ — Termo que, em Pernambuco, designa casinhola, cabana, choça, habitação de gente pobre, segundo o registo de BEAUREPAIRE-ROHAN. MÁRIO MELO observa que caritó em Pernambuco é apenas casa pequena, seja ou não de gente pobre. (B. de S.).

I, casinhola, habitação de gente pobre; II, espécie de galola em que se prendem os caranguejos de Fernando de Noronha; III, viveiro para a engorda dos guaiamuns. — Nota B. ROHAN, 38, menciona as duas primeiras accs., dando a I a Pernambuco e à II a ilha de Fernando de Noronha; a III é inédita e quicá uma extensão daquela no continente. (R. G.).

CARNE DE VACA — Registado por NÉLSON DE SENA, que diz assim chamarem os lavradores de Minas Gerais da região ocidental (região da Mata da Corda) a uma espécie de terra de grés vermelho, a qual, quando cortada, deixa ver uma côr sangrenta descorada. (B. de S.).

CARNEIRADA — Moléstia endêmica nas margens do rio São Francisco, por ocasião da sua vazante. Segundo a opinião de LANGAARD, que a descreve, é moléstia de origem africana. FERNANDO HALFELD faz referências a essas carneiradas do dito rio, — febres intermitentes mais ou menos perigosas, maleitas ou sezões, carneiradas. — Termo português, denomina as febres endêmicas das regiões tropicais da África. (F. A. P. C.).

CARNEIROS — Termo baiano da região do São Francisco, designativo de terrenos que ficam descobertos, quando o rio, após as enchentes, se recolhe à calha comum. (B. de S.).

CARPINTEIRO — Nome que, na costa meridional do Brasil, tem o vento do alto mar. (B. de S.).

CARRASCAL — O mesmo que carrasco, muito usado na Bahia, no mesmo sentido em que o paraibano usa a palavra tabuleiro no dizer de LUTZELBURG. A pág. 154 dos *Brejos e Carrascais do Nordeste* de LIMEIRA TEJO, lê-se: "Os retirantes chegam ao canavial, mas seu pensamento não se desliga das terras calcinadas. No brejo eles estão sempre inquietos sempre sentindo a falta de alguma cousa, sempre preparados para refazer, a todo momento, o caminho de volta. E' bastante uma notícia de chuva caída nos carrascais, para que eles abandonem tudo e regressem". No Chile carrascal é pedregal; em Cuba é savana pedregosa e estéril. (B. de S.).

CARRASCÃO — O mesmo que carrasco. (B. de S.).

CARRASCO — Vocábulo de origem portuguesa, que no Brasil, designa terrenos, em geral de planaltos, de vegetação arborescente, definhada e baixa, de ramos duros e esguios, caules raquíticos, entrelaçados e espinescentes. E' uma espécie de mata anã no dizer de SAINT-HILAIRE. O carrasco é sempre indício de terreno estéril, pedregoso, árido. Usa-se também carrascão. No sul do Piauí, os sertanejos chamam a certa região de agreste — carrasco catingal ou catinga carrascal ou ainda agreste sujo. Definindo carrasco, diz LUTZELBURG: vegetação lenhosa, de folhas duras, xerófila e pobre em cactáceas, vegetando sôbre um solo pedregoso e duro nas elevações" (Liv. cit. vol. 3.º, pág. 94). E, à pág. 58 do 1.º vol. escreve: "O sertanejo nordestino compreende com a denominação geral de carrasco uma flora que tem sua existência comumente, nas regiões montanhosas compostas de árvores pequenas e atrofiadas, com folhagem dura, de arbustos rasteiros, com idêntica folhagem e casca grossa suberosa, que assim tem algum parentesco com o agreste, porém diferenciando-se d'ele, em virtude de escasso e raquítico crescimento da vegetação lenhosa, das folhagens grandes, rígidas e coriáceas, da forte casca, e pela existência das folhas peludas; qualidades biológicas estas, que dão cunho à flora xerófila dos carrascos. Além disso, ainda faz parte do carrasco, um solo pedregoso, coberto de uma leve camada de húmus". (B. de S.).

CARRASQUENHO — O mesmo que carrasca ou carrasqueiro. Na Bahia há uma vegetação secundária, arbustiforme, mas fechada que o carrasco, a que se dá o nome de grameal. (B. de S.).

CARREADOR — Também carreadouro, designativo ora de pequeno trilho no mato, vereda, picada (VALDOMIRO SILVEIRA), ora caminho de carro, no campo (CÂNDIDO DE FIGUEIREDO), ora caminho aberto nos cafèzais para transporte das colheitas (DIAS MARTINS, *A produção de nossas terras*, pág. 20). (B. de S.).

- CARREIRA** — Termo que, na região denominada Jalapão, no noroeste da Bahia, nordeste de Goiás e no Alto Tocantins (CARLOTA CARVALHO, *O Sertão*, pág. 263), designa pequenas cachoeiras, corredeiras ou corridas. (B. de S.).
- CARUARA** — Nome que os pescadores alagoanos dão ao vento de trovoadas que sempre aparece em janeiro. (B. de S.).
- CASA GRANDE** — Nome que, no interior do Brasil, se dava e ainda se aplica à habitação dos senhores de engenhos ou proprietários de fazendas, donos das terras, em torno, onde se erguem as casas dos moradores ou agregados, de antes as senzalas dos escravos. (B. de S.).
- CASCO DA FAZENDA** — Assim se designa, no nordeste brasileiro, o chão da propriedade, o seu terreno com as benfeitorias que nêle se contém, sem os gados. (B. de S.).
- CASCO DE BURRO** — Na região baiana das Lavras Diamantinas, emprega-se o termo caldeirão para designar um buraco redondo, cheio de cascalho, na piçarra das catas. Ao pequeno caldeirão os garimpeiros chamam casco-de-burro. (B. de S.).
- CASQUEIRO** — Além da significação peculiar a quase tôda a costa do Brasil como sinônimo de sambaqui (vide esta palavra). ARTUR NEIVA surpreendeu este termo no linguajar dos marujos da ilha do Bom Jesus da baía de Todos os Santos, com a significação de vento forte, em geral do quadrante sul. VALDOMIRO SILVEIRA refere n'Os *Caboclos* o sentido de parte superior da terra, empregando a expressão casqueiro grudento, com a significação de lama indicadora de que a terra é de boa qualidade. (B. de S.).
- CASSACO** — I, nome vulgar de um marsúpio do gênero *Didelphis*; II, trabalhador de estradas de ferro, usinas, e engenhos de açúcar; III, servente de padaria. (R. G.).
- CASTELO** — Residência de rapazes solteiros, que apenas dela se servem para pernoitar. (R. G.).
- CATA** — Termo usado em Mato Grosso, Minas Gerais e Bahia, para designar escavações, às vezes de grande profundidade, onde se faz a mineração, do alto para baixo, do ouro, do diamante, do carbonato. Nas Lavras Diamantinas da Bahia assim nomeiam os garimpeiros as escavações, em regra quadradas, feitas no solo, à procura dos diamantes. PANDIÁ CALÓGERAS, à pág. 118 do seu trabalho *As Minas do Brasil*, 1.º vol. escreve: "Verificada a presença do metal, vários processos se utilizavam em sua extração. O mais simples era remover os terrenos estéreis da superfície, abrindo catas até chegar ao nível do material aurífero. Esses poços, redondos ou quadrados, tinham na base, em geral, uns vinte palmos em quadro, e abriam-se para o exterior com taludes que impediam o corrimento das terras; a profundidade variava, e citam-se alguns de quase oitenta palmos de altura". (B. de S.).
- CATANDUVA** — Mato rasteiro, áspero e espinhento; mata de pequeno porte e ruim, em geral de vegetação fechada. (B. de S.).
- CATINGA** — Vocábulo indígena, formado de *caa* — mato e *tinga* — branco, esbranquiçado, donde escreverem alguns, atendendo à etimologia — caatinga. No linguajar comum se ouve catinga. É a região denominada Hamadriades, na Tabula Geografica Brasiliæ, de MARTIUS, caracterizada pelas florestas de árvores de pequeno porte, que perde na estação sêca quase tôdas as fôlhas, pôsto que conserve alguns frutos que amadurecem precisamente nessa época. Esta zona abrange o norte do Brasil, a parte do vale superior do São Francisco, ainda pertencente a Minas Gerais, grande parte da Bahia, Pernambuco, Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, a parte norte de Goiás e o sul do Maranhão, com uma área de 800 000 quilômetros quadrados segundo o cálculo do botânico PHILIPP VON LUETZELBURG. O sertanejo distingue várias modalidades de catingas, das quais nos dá notícia LUETZELBURG: catinga alta, catinga baixa, catinga brejada, catinga carrascal, catinga legítima, catinga mestiça, catinga suja, catinga verdadeira, catingão (*Vide estes nomes*). (B. de S.).
- CAVALEIROS** — Na Amazônia e na Mesopotâmia maranhense designam assim as ondas altas da pororoca. A respeito escreve RAJA GABAGLIA, à pág. 146 do seu livro citado: "Assim o Mearim está sujeito ao fenômeno da pororoca que se sente em Arari, 42 quilômetros acima da confluência do Pindaré, e em Vitória, 12 quilômetros acima de Arari. Forma-se no banco de Tijucupana que é uma barragem notável descoberta na vazante e que represa as águas do fluxo até a altura e volume suficientes para vencer a corren-

teza do rio, o que precisa de três horas; em seguida elas se levantam, formam três ou quatro ondas enormes — os cavaleiros, na linguagem popular — e se precipitam rio acima, enchendo em três horas o que necessitam de nove”. Com razão RODOLFO GARCIA regista este termo como sendo de uso geral na significação de ondas altas e impetuosas. Em Alagoas chamam — cavaleiros, banzeiros, marolas (OTÁVIO BRANDÃO, *Canais e Lagos*, pág. 35). (B. de S.).

✓ CERCADO — Certa área de terreno cercado e com porteira de entrada, onde fica situada a casa de vivenda das fazendas, engenhos ou qualquer propriedade rural. Os cercados dos engenhos onde se soltam os animais do serviço (H. KOSTER) “Faço-te companhia, até o cercado do engenho”. (FRANKLIN TÁVORA). (F. A. P. C.).

CERRADÃO — Refere A. TAUNAY que, nos Estados do Sul, este termo designa um extenso trato de terras estéreis. (B. de S.).

CHÁCARA — Americanismo registado por BEAUREPAIRE-ROHAN e ROMAGUERA que nomeia quinta nas vizinhanças das cidades ou vilas. E’ palavra hoje usada em quase todo o Brasil e corresponde ao que, nos arredores da cidade do Salvador se denomina roça, no Pará rocinha, em Pernambuco sítio. Diz BEAUREPAIRE-ROHAN que é palavra de origem quíchua ou kéchua como outros escrevem. No Rio Grande do Sul diz-se também chácara pequena propriedade suburbana. (B. de S.).

CHÃ — Apelativo que, além do seu sentido comum em português, tem, no Brasil, a significação peculiar de planície elevada, chapada, assim usado de Alagoas a Paraíba, onde várias localidades são precedidas desse designativo, como por exemplo, Chã da Aldeia, Chã do Carpina em Pernambuco. Chã de Sapucaia em Alagoas, Chã do Moreno na Paraíba. “A chã da serra é um planalto de cerca de 15 quilômetros de comprimento por 4 quilômetros de largura”. (B. de S.).

CHANECO — Assim chamam os roceiros de Minas Gerais, segundo informa NÉLSON DE SENA, a um terreno plano, descampado e de má qualidade, impróprio para a cultura. (B. de S.).

CHÃO PARADO — Dicção muito corrente em São Paulo, designativa de terreno muito plano e extenso, chanura. (B. de S.).

CHAPADA — Este termo tem um amplo e vário sentido no Brasil. Nos Estados do Nordeste as chapadas são planaltos com diversas vegetações, ora compostos de elementos dos agrestes, ora de carrasco, da catinga, ou completamente ocupados por esta em estado puro e seco de caráter xerófilo; o seu solo é duro coberto de relva, com árvores pequenas de troncos irregulares, com arbustos que aparecem e desaparecem com as estações. Entretanto, segundo LUTZELBURG, o sertanejo nordestino compreende por chapada todo e qualquer planalto ou serra de elevação mediana, de fraco declive, coberto de vegetação xerófila. Assim “as serras do Apodi e do Araripe, o grande planalto entre as cidades do Bom Jesus do Rio Gurgueia e São Raimundo Nonato, as serras de arenito, completamente planas e chatas no cume, no alto rio Vaza-Barris, todas cobertas de catinga seca e legítima, são conhecidas por chapadas”. Refere RODOLFO GARCIA que, no Maranhão, significa qualquer planície de vegetação rasa, sem arvoredo. MACEDO SOARES dá como sentido geral: esplanado no alto do morro do norte da serra. (B. de S.).

CHAPADÃO — Chapada muito extensa, uma série de chapadas; planuras que se destacam e aparecem como que desengastadas por algum cataclismo do planalto geral, no dizer de ROCHA POMBO. MACEDO SOARES, que registou este vocábulo escreve: chapadas extensas e sucessivas. (B. de S.).

CHAPADEIRO — O mesmo que caipira, tabaréu, matuto. Tratando deste vocábulo, em sua *Toponímia geográfica de origem brasílico-indígena em Minas Gerais*, NÉLSON DE SENA escreve que, em Minas, se diz chapadeiro o solo áspero e batido em socalcos de chapadas, frequente nos sertões do extremo-ocidente e noroeste mineiros. (B. de S.).

CHAPEIRÕES — Recifes à flor d’água, que guarnecem a costa do continente a oeste dos Abrolhos (grupo de ilhas ao sul da Bahia) e deixam entre estes um canal de fácil navegação. São recifes coralinos, de formação bem frágil, que emergem em colunas e, às vezes, se dilatam na parte superior tomando a forma de grandes chapéus de sol, donde vem o nome de chapeirões. Os holandeses chamavam a estes recifes — jesuitas. (B. de S.).

- CHATO — Terreno plano, não acidentado, sinônimo de parelho, no Rio Grande do Sul. (B. de S.).
- CHAVASCAL — O mesmo que charravascal, semelhante ao que se denomina em algumas zonas bamburro. (B. de S.).
- CHEPE-CHEPE — Vocábulo onomatopaico, designativo, no Maranhão, de terreno encharcado. (B. de S.).
- CHIQUEIRO — I, pequeno curral para criar ou engordar porcos; II, o segundo dos compartimentos de um curral de pescaria, de onde não pode mais sair o peixe que lá entrou; III, tapagem que se faz em um riacho para impedir que por êle desça o peixe tinguijado. (B. de S.).
- CHUPADOR — O Revmo. Pe. GERALDO JOSÉ PAUWELLS em seu *Atlas Geográfico Geral e Especialmente do Brasil*, 1936 à pág. 54, registra para êste termo o sentido peculiar de depressões inclinadas para leste na margem direita do braço ocidental do rio Araguaia, acima da barra do rio das Mortes. Tais depressões se enchem no tempo das cheias do rio. No Ceará o povo chama chupadô o remoinho que se forma nos rios. (B. de S.).
- CHUPADOR DE ANTA — Expressão referida por GASTÃO CRULS em sua *Amazônia que eu vi*, pág. 327, com a significação de terreno onde há depósito de sais naturais, sendo por isso muito procurado pelas antas e por animais. (B. de S.).
- CHUVA CRIADEIRA — Assim designam os sertanejos da Bahia e vizinhos do Norte às chuvas finas, continuadas, que molham bem a terra, ao contrário dos violentos aguaceiros, das chuvaradas fortes que mais escorrem pelas terras do que se filtram pelas camadas permeáveis do solo, favorecendo o crescimento das plantações. (B. de S.).
- CHUVA DE CAJU — Assim se chamam no Ceará as chuvas que caem em setembro e outubro e que servem para a maturação dos cajus, donde o seu nome. (B. de S.).
- CHUVA DE SANTA LUZIA — Nome que dão os cearenses às chuvas do equinócio. “As primeiras chuvas, ditas de caju, são esperadas em dezembro. Elas transformam o sertão. Se faltam ainda, há esperança de chuvas em fevereiro ou março, são as chuvas de Santa Luzia, do equinócio. Se faltam estas, não há mais esperanças e são pouco a pouco esgotados os recursos” (DELGADO DE CARVALHO, *Geografia do Brasil*, 2.º vol., pág. 299). (B. de S.).
- COBERTA DE DESMONTE — Nome que, nas zonas diamantíferas de Minas Gerais, dão à terra inútil que, de ordinário, cobre o cascalho. (B. de S.).
- COIÓ — Segundo informação do Dr. SABÓIA RIBEIRO, clínico no sul do Estado da Bahia, assim se designa a choça ou cabana que os trabalhadores constroem no meio das matas, compreendendo apenas um compartimento; caebre de taipa e palha; mais ou menos choupana, capuaba, tijupá, tejupaba. (B. de S.).
- COITEIRO — Termo que, no Nordeste brasileiro, tem a significação especial de indivíduo que dá asilo ou protege bandidos, ladrões e matadores. (B. de S.).
- COMBOIO — Espécie de caravana de animais de carga, que desce do interior conduzindo gêneros de produção local: um comboio de algodão, farinha, milho, etc.; e que de retôrno conduz fazendas e gêneros diversos. “Todos os lotes ou comboios de animais, que entraram nesta praça com cargas ou sem elas, serão conduzidos a passo, atados uns atrás dos outros, e levados pelo meio das ruas até o lugar do seu destino”. Posturas da Câmara do Recife, decretadas em 1881. F. A. P. C. (B. de S.).
- COMEDIA — Registado por TESCHAUER, com o significado de pastagens e como tal foi empregado por OLAVO BILAC, à pág. 73 do seu *Através do Brasil*. V. CHERMONT informa que, no Pará, é o lugar onde caem frutos silvestres procurados pela caça, o que confirma o seguinte trecho de INÁCIO BATISTA DE MOURA, à pág. 240 de seu livro *De Belém a São João do Araguaia*. “As pacas, as cotias, os veados, etc. costumam também aproveitar as noites, sobretudo de luar, para irem à comedia. O caçador que conhece êsses lugares levanta ali um jirau ou mutá, onde com a máxima imobilidade, a despeito das mordeduras de insetos, espera a chegada do animal, para lhe dar o tiro certo. (B. de S.).

- COMÉRCIO** — Também comércinho, rua, têrmos que, no interior de alguns Estados (Minas, Bahia, Espírito Santo), os sertanejos dão aos pequenos povoados, onde se realizam feiras semanais. (B. de S.).
- COMITIVA** — Nome dado em Mato Grosso ao grupo de trabalhadores que acompanham o extrator de poala nas matas do grande Estado. (B. de S.).
- COMPLEXO BRASILEIRO** — Registrado por EVERARDO BACKHEUSER em seu *Glosário*, onde escreve: "assim chama BRANNER, com aceitação geral, ao conjunto de rochas e terrenos que constituem o arqueano e algonquiano na América do Sul. É formado êsse complexo de granitos, eruptivas diversas, gnaisses, chistos muito cristalinos, etc. Tôda a serra do Mar e da Mantiqueira, prolongando-se até o Nordeste, e estendendo-se pelo interior de Minas, o planalto das Guianas e provavelmente o planalto central brasileiro são formados das rochas que constituem êsse complexo". (B. de S.).
- CONTESTADO** — Assim se denomina uma região que foi disputada pelos Estados do Paraná e Santa Catarina, a qual se tornou célebre pela campanha contra os fanáticos e bandoleiros do dito território, iniciada em 1912. (B. de S.).
- CONTINENTE** — Apelativo que desde os tempos coloniais, denominava o território do atual Estado do Rio Grande do Sul. O padre GERALDO PAUWELLS diz que êste nome abrangia também os territórios dos atuais Estados de Santa Catarina e Paraná: do Paranapanema ao Jaguarão ou até o rio do Prata. Opinam alguns que foram os açorianos, primeiros povoadores da terra gaúcha, que lhe apuseram êste nome, talvez por oposição às ilhas de onde emigraram (Açôres). Entretanto AURÉLIO PÔRTO sustenta que a designação de continente foi aposta pelos moradores da ilha de Santa Catarina e bem assim a de continentistas para a sua gente (*Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*). (B. de S.).
- CONTINENTISTA** — Eram assim outrora designados os riograndenses do sul, os gaúchos de hoje, também chamados guascas; mais particularmente assim eram denominados os republicanos de 1835. (B. de S.).
- CONTRA-COSTA** — No Brasil é expressão usada pelos marajoaras para designar a costa setentrional da ilha de Marajó. Segundo informe de JORGZ HURLEY, a contra-costa vai do cabo Maguari, no município de Soure, até o rio Cajuuna, extrema do município de Chaves com o de Afuá. (B. de S.).

(Continua)